

---

# Acompanhantes no processo de nascimento: benefícios reconhecidos pelos enfermeiros

*Supportive companion in the birth process: nurses recognized benefits*

Isaiane da Silva Carvalho<sup>1</sup>, Pedro Bernardino da Costa Júnior<sup>2</sup>, Janile Bernardo Pereira de Oliveira Macedo<sup>3</sup>, Rosineide Dantas Torres de Araújo<sup>4</sup>

<sup>1</sup>Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal-RN, Brasil; <sup>2</sup>Enfermeiro, Natal-RN, Brasil; <sup>3</sup>Curso de Enfermagem da Faculdade Estácio do Rio Grande do Norte, Natal-RN, Brasil; <sup>4</sup>Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro-RJ, Brasil.

---

## Resumo

**Objetivo** – Identificar a percepção de enfermeiros sobre os benefícios associados à presença do acompanhante durante o nascimento. **Métodos** – Realizou-se um estudo descritivo e exploratório de natureza qualitativa, desenvolvido por meio de entrevista semiestruturada realizada com 12 enfermeiros de uma maternidade pública do Estado do Rio Grande do Norte, durante os meses de junho e julho de 2011. A escolha e abordagem dos sujeitos foram proposítivas e a amostragem definida por saturação. A coleta de dados ocorreu através de um instrumento composto por caracterização sócio-demográfica e uma questão norteadora. O tratamento e análise dos dados foram efetuados seguindo as etapas do processo de análise de conteúdo de Bardin. **Resultados** – Os enfermeiros perceberam os seguintes benefícios associados à inserção do acompanhante no cenário do nascimento: o suporte emocional e a segurança fornecida à parturiente, o fortalecimento de vínculos familiares, e a tranquilidade experimentada pela equipe. **Conclusão** – Ao reconhecer que a presença do acompanhante pode gerar benefícios, não apenas à parturiente, mas também à equipe de saúde, estes profissionais abrem espaço para discutir meios de reinserir o acompanhante no processo de nascimento.

**Descritores:** Enfermagem; Parto; Parto humanizado

## Abstract

**Objective** – To identify the perception of nurses about the benefits associated with the presence of a supportive companion during childbirth. **Methods** – We performed a descriptive and exploratory study of qualitative nature, developed through semi-structured interviews with 12 nurses from of a public maternity hospital of the State of Rio Grande do Norte, Brazil, during June and July 2011. The choice of subject and approach and purposive sampling was defined by saturation. Data collection was based on an instrument that contained a socio-demographic characterization and a research question. Treatment and analysis of the data were performed through the process of Bardin's content analysis method. **Results** – The nurses highlighted the benefits associated with the insertion of a companion in the setting of birth: emotional support and security provided to the mother, the strengthening of family bonds, and tranquility experienced by the team. **Conclusion** – By recognizing that the presence of the familiar companion can bring benefits not only to the mother but also to the health care technical team, these professionals provide ways to reinsert the familiar companion in the birth process.

**Descriptors:** Nursing; Parturition; Humanizing delivery

---

## Introdução

A intenção de reinserir o acompanhante, outrora excluído, no processo de nascimento ganhou força a partir dos estudos desenvolvidos por Hodnelt e Osborn<sup>1</sup> (1989), os quais demonstraram que uma mulher parindo seu primeiro filho em um hospital universitário poderia ser atendida por 16 pessoas distintas e ainda assim encontrar-se sozinha a maior parte do tempo. Além disso, a presença invasiva dos profissionais de saúde e a ausência dos familiares durante o trabalho de parto favoreciam o aumento do estresse, interferiam em sua evolução, ocasionando desta forma, inúmeros procedimentos tidos como desnecessários<sup>1</sup>.

Soma-se a estes, o desenvolvimento de estudos em vários países que evidenciaram inúmeros benefícios associados à presença do acompanhante durante o processo parturitivo, como redução do índice de cesárea, do uso de ocitocina, da duração do trabalho de parto, da analgesia para alívio da dor e do trauma perineal, além de verificarem aumento da satisfação

materna com a experiência do nascimento, dentre outros<sup>2</sup>.

Nesse sentido, a Organização Mundial de Saúde (OMS)<sup>3</sup> recomenda que a parturiente seja acompanhada por pessoas em quem confia e com as quais se sinta à vontade (parceiro, amiga, doula ou enfermeira-parteira), sendo importante aos profissionais acolher o acompanhante e não impor obstáculos à sua participação<sup>4</sup>.

No Brasil, desde 2005, a Lei Federal nº 11.108 garantiu a todas as gestantes o direito de ter um acompanhante de sua escolha durante o pré-parto, parto e pós-parto imediato. Porém, mesmo antes do estabelecimento desta lei a nível federal, outros locais apresentavam algum tipo de legislação sobre o assunto<sup>5</sup>.

O Rio de Janeiro, pioneiro nesse aspecto, publicou a resolução da Secretaria Municipal de Saúde nº 667, de 20 de outubro de 1998, garantindo a presença do acompanhante de escolha da parturiente durante o trabalho de parto e parto<sup>6</sup>.

No Estado de São Paulo, por meio da Lei nº 10.241

de 17 de março de 1999, parágrafo XVI, foi assegurado o direito quanto à presença do pai da criança nos exames pré-natais e durante o parto<sup>7</sup>.

O Distrito Federal, através da Lei nº 3.090, de 9 de dezembro de 2002, instituiu a modalidade de Parto Solidário, entendido como o direito da parturiente dispor de acompanhante durante o trabalho de parto, com o objetivo de melhorar a assistência às parturientes nas instituições públicas e privadas de saúde<sup>8</sup>.

Em Santa Catarina, a Lei nº 13.061, de 8 de julho de 2004, assegurou em seu artigo 1º, que os hospitais da rede pública, credenciada e/ou conveniada, do Sistema Único de Saúde (SUS) deveriam garantir o direito à presença do acompanhante no pré-natal e processo de nascimento<sup>9</sup>.

Entretanto, apesar do amparo legal, a Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde da Mulher (PNDS – 2006), demonstrou que em todas as regiões brasileiras a presença do acompanhante variou de 12% a 17%, sendo que no SUS menos de 10% das mulheres usufruíram de seu direito, comparado a 35% no sistema privado<sup>10</sup>.

Considerando a importância do enfermeiro como viabilizador da inserção do acompanhante durante o processo parturitivo da mulher, o referido estudo justifica-se por oportunizar a esses profissionais expressarem os benefícios associados a essa prática, com vista a consolidá-la como uma possibilidade viável no contexto da assistência obstétrica.

Assim, o presente estudo objetiva identificar a percepção de enfermeiros sobre os benefícios associados à presença do acompanhante durante o nascimento.

## Métodos

Foi desenvolvido um estudo descritivo e exploratório de natureza qualitativa, em uma maternidade pública do Estado do Rio Grande do Norte. A maternidade em questão é uma unidade de referência não apenas para o município no qual está inserida, como também para todo o Estado do Rio Grande do Norte, haja vista serem realizados atendimentos de pacientes oriundos de municípios pactuados e não pactuados. Além disso, dispõe de enfermeiros que prestam assistência à mulher durante o processo parturitivo, o que possibilita uma melhor expressão das experiências vividas sobre o assunto, tornando o local um campo favorável à investigação do objeto de estudo.

Antes da coleta de dados foi encaminhado ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (CEP – UFRN) a proposta para a pesquisa, o qual autorizou a sua realização mediante emissão de parecer favorável de nº 175/2011.

Previamente à realização das entrevistas, todos os participantes foram esclarecidos sobre os objetivos do estudo, e convidados a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e uma autorização para gravação em áudio das entrevistas.

Efetou-se entrevista semiestruturada com 12 enfermeiros da maternidade. A escolha e abordagem dos

sujeitos foram propositais e a determinação do tamanho final da amostra deu-se através de amostragem por saturação. Consideraram-se os seguintes critérios de inclusão: o sujeito deveria ser graduado em Enfermagem, trabalhar na maternidade por um período superior a seis meses e prestar assistência durante o processo de nascimento.

A coleta de dados ocorreu durante os meses de junho e julho de 2011 e se deu por meio de um instrumento que continha dados referentes à caracterização socio-demográfica e uma questão norteadora. As entrevistas tiveram duração média de 9 minutos. Não se determinou intervalos de tempo fixos a fim de permitir o seu desenvolvimento de forma espontânea.

Ao final de cada entrevista, solicitou-se que o entrevistado sintetizasse em uma palavra o que representa o momento do parto e nascimento em sua concepção. Essas palavras foram usadas como codinomes para os enfermeiros, garantindo-se, dessa forma, seu anonimato.

A transcrição das entrevistas efetuou-se à medida que estas eram desenvolvidas, no intuito de não permitir a perda de informações e observações captadas e experienciadas pelos pesquisadores durante os depoimentos.

O tratamento e análise dos dados se deram através do processo de análise de conteúdo de Bardin, o qual é composto por três etapas, quais sejam: 1) pré-análise; 2) exploração do material; 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação<sup>11</sup>.

Na fase de pré-análise, o material foi escolhido e preparado. A preparação se deu por meio da transcrição das entrevistas, na íntegra, e sua separação em pastas. Tal preparação se realizou em conformidade com algumas regras, a saber: a regra da exaustividade, segundo a qual os dados do material foram usados em sua totalidade, não se excluindo nenhum deles, a menos que isso fosse devidamente justificado; a regra da homogeneidade, evitando-se a inclusão de outros temas, idéias ou textos; e a regra da pertinência, segundo a qual o material selecionado foi adequado ao conteúdo e ao objetivo da análise.

Realizou-se uma leitura flutuante do material, que permitiu o contato e conhecimento do mesmo, adquirindo-se, pois, impressões e orientações. Posteriormente, sucessivas leituras foram realizadas, o que possibilitou a identificação das unidades de registro.

Na fase de exploração do material, realizou-se o processo de codificação, ou seja, a transformação sistemática dos dados brutos do texto, de modo a permitir sua classificação e agregação, possibilitando aos pesquisadores entender as características do texto.

Na última etapa – tratamento dos resultados, inferência e interpretação, as informações foram tratadas, de modo que se tornassem significativas e válidas.

## Resultados e Discussão

Identificou-se predominância da faixa etária compreendida entre 31 e 40 anos, a qual contemplou 6 sujeitos, sendo que o sujeito de menor idade tinha 24 anos e o de maior idade 51 anos. Em termos de sexo, apenas 1

sujeito era do sexo masculino. Os sujeitos concluíram a graduação entre 1986 e 2009 e 10 afirmaram possuir pós-graduação, sendo que 6 em obstetrícia. Quanto ao tempo de trabalho na instituição, apenas 4 sujeitos trabalhavam no local há menos de 3 anos e 11 sujeitos apresentavam dois ou três vínculos empregatícios.

O processo de análise do material resultou na identificação da categoria Benefícios relacionados à presença do acompanhante, composta pelas seguintes subcategorias: ideias antagônicas sobre o suporte oferecido; fornecendo suporte emocional; promovendo segurança à parturiente; fortalecendo vínculos; e tranquilizando a equipe.

### *Ideias antagônicas sobre o suporte oferecido*

Sabe-se que a inserção do acompanhante no cenário do nascimento proporciona inquestionáveis benefícios para a parturiente. Contudo, a indefinição de papéis associados à presença deste novo personagem conduz os profissionais a apresentarem ideias antagônicas sobre a forma de suporte oferecida pelo acompanhante à mulher.

*“Eu acho que ele (acompanhante) tem que [...] participar [...] do parto, [...] da evolução do parto, fazer massagem, ajudar o paciente [...] a deambular, [...] fazer os exercícios com ele [...]” (Emoção)*

*“[...] o que o acompanhante [...] vai fazer é apenas observar, porque ele não vai pegar em material cirúrgico, eles não vão [...] fazer uma rotação externa de cabeça, eles não vão fazer um corte, porque isso é o especialista, o médico, o enfermeiro [...]” (Afeto)*

*“[...] só passivo mesmo, só tirando foto, essas coisas... ficando do lado da mãe, observando o bebê, só essas coisas, mas nada assim de... como a gente vê [...] de cortar o cordão umbilical [...]” (Prazer)*

Infere-se, com base nos depoimentos acima, que alguns enfermeiros acreditam que a participação do acompanhante deve ser ativa, na qual este poderá fornecer, dentre outras coisas, um suporte físico e emocional à parturiente, desenvolvido por meio de exercícios e massagens pertinentes a este momento. Por sua vez, outros entrevistados associaram esta participação a uma condição de passividade, considerando o acompanhante apenas como um espectador do parto e nascimento.

A participação ativa do acompanhante durante o processo de parturição faz com que ele apresente-se na rede social como verdadeiro provedor de suporte à parturiente e deixe de ser visualizado de acordo com Long et al.<sup>12</sup> (2010) como “mero representante fiscalizador da assistência obstétrica”.

Além disso, a presença e participação ativa do acompanhante são capazes de produzir alterações construtivas no campo da assistência obstétrica e, portanto devem ser estimuladas como forma de viabilizar uma vivência ímpar para a parturiente e seus familiares<sup>13</sup>.

Assim, acredita-se em uma nova abordagem no parto

e nascimento, com foco na participação ativa da mulher e de seu acompanhante, no suporte físico e emocional e no uso de novos mecanismos de alívio da dor durante o parto<sup>14</sup>.

Dessa forma, considerando a importância do enfermeiro como viabilizador da inserção do acompanhante, entende-se como essencial que ele vislumbre os benefícios associados a uma participação efetiva do acompanhante e prepare-o para vivenciar esse momento.

### *Fornecendo suporte emocional*

Os depoentes reconheceram que a presença do acompanhante é capaz de gerar benefícios para a parturiente. Dentre estes benefícios, ressaltou-se a questão do suporte emocional fornecido pelo acompanhante.

*“Acho que foi interessante pra a mãe. Acalma a mãe [...] a gestante fica mais tranquila [...] Pelo fato de ter alguém dela lá junto, apoiando.” (Amor)*

*“Ela (parturiente) fica realmente mais tranquila sabendo que tem alguém ali da sua família que tá perto.” (Ternura)*

*“[...] ela ficou mais tranquila [...] ela nunca nem viu nem o enfermeiro, nem o médico, ninguém. Tá com o esposo do lado [...] ela pariu super bem [...]” (Satisfação)*

*“Ela (parturiente) sempre vai observar que, por mais experiente que seja o corpo clínico, [...] são pessoas desconhecidas, e tendo alguém da família, onde ela se suporta, onde ela estabelece as suas necessidades, sem sombra de dúvida, vai ser ótimo pra ela.” (Afeto)*

Apreende-se que os entrevistados acreditam que a presença do acompanhante possibilita a parturiente uma sensação de tranquilidade e que esta sensação influencia diretamente o desfecho do nascimento.

A questão da tranquilidade também pode ser observada em uma pesquisa sobre a percepção de puérperas acerca da presença do acompanhante no trabalho de parto e parto. Os autores identificaram que a participação do acompanhante possibilitou o desenvolvimento de um nascimento tranquilo, haja vista que as parturientes sentiram-se mais seguras na presença de alguém que contribuiu significativamente para o seu cuidado<sup>15</sup>.

Os entrevistados de um estudo sobre a presença de doulas nas assistência ao parto, profissionais de enfermagem, também fizeram referência à tranquilidade proporcionada às parturientes pelo suporte oferecido por doulas. Estas, em decorrência do perfil de mães e avós que apresentavam, eram relacionadas a mulheres da família das parturientes, sendo capazes de interferir significativamente na tríade medo-tensão-dor que, por vezes, faz-se presente no nascimento<sup>16</sup>.

Assim, compreende-se que, embora os profissionais estejam presentes durante o nascimento, nada se equipara a ter ao seu lado alguém familiar e em quem se confia. Além disto, essa experiência pode contribuir para atenuar a tensão inicial vivenciada pela parturiente ao adentrar em um ambiente estranho com pessoas desconhecidas.

### Promovendo segurança à parturiente

A segurança relacionada à presença do acompanhante foi outra contribuição mencionada pelos enfermeiros, conforme explicitado abaixo:

*“Eu acho muito importante o acompanhante porque é onde a parturiente fica mais segura [...] eu tô falando como profissional e como mãe [...] ela (cunhada) me acompanhou todo o meu parto... massageando o meu quadril, a minha coluna, tudo! [...] eu senti mais segura.” (Realização)*

*“[...] eu acho que é muito bacana tanto pra paciente, que se sente mais segura [...] tanto para os familiares também, que se sentem mais seguros por estar ali vendo [...]” (Prazer)*

*“[...] você vê na expressão mesmo, assim, na face dela, ela tem medo de chamar, ela tem medo de ser mal atendida [...] tem o medo de tá com um desconhecido [...] Eu acho que melhora muito o acompanhante.” (Satisfação)*

*“[...] o trabalho de parto é uma situação dolorosa, consequentemente, existe mecanismo de minimizar a dor, mas não existe mecanismo de parar a dor completamente [...] ela (parturiente) tendo alguém da família próximo, consequentemente vai ser mais bem assistida, ela vai se sentir mais confortável.” (Afeto)*

Torna-se evidente o reconhecimento pelos depoentes da importância do acompanhante como fator de segurança para a parturiente. O profissional, ao se colocar no lugar do outro através da sua própria experiência enquanto parturiente, compreende de forma mais intensa e com maior nível de propriedade o que se processa durante este período.

Entretanto, é relevante destacar que a presença do acompanhante parece estar relacionada a um mecanismo inibidor de hostilidades, como se isso representasse uma garantia de que a parturiente receberá um tratamento diferenciado, ou que pelo menos não será mal tratada ante a presença de um familiar.

Infelizmente, as queixas de parturientes relacionadas a situações de desrespeito advindas dos profissionais de saúde no contexto do nascimento são cada vez mais frequentes. Esses, por vezes, demonstram sentimentos de insensibilidade em um período de grande vulnerabilidade feminina, condição que potencializa o efeito devastador da violência física e verbal a que são submetidas em determinadas situações<sup>17</sup>.

Ao analisar a violência empreendida por profissionais de enfermagem e médicos contra parturientes em uma instituição de saúde, uma pesquisa identificou que os profissionais apresentaram atitudes “abusivas e desrespeitosas”, destituindo o caráter humano das parturientes para transformá-las em simples “objetos”. Esta condição agrava-se pelo fato dos profissionais não perceberem este tipo de ação desumanizada, o que a transforma em algo habitual<sup>18:150</sup>.

Sobre o assunto, um estudo a respeito da violência institucional em maternidades públicas no contexto brasileiro, constatou que os obstetras entrevistados foram favoráveis à presença do acompanhante, alegando que estes seriam testemunhas de que o médico fez o

possível para ajudar à paciente, e que a sua presença inibiria a violência de ambos os lados, haja vista que a mulher sentir-se-ia mais calma, agredindo menos o profissional, e este, não a trataria mal na presença de seu familiar. Fato que demonstra o quanto parece ser comum, para alguns profissionais, a probabilidade de ocorrência da violência institucional<sup>19</sup>.

Nesta perspectiva, quando questionados sobre o fato do acompanhante promover alterações na postura dos profissionais, a maioria dos depoentes afirmou que isso não ocorria, alegando que a assistência fornecida era a mesma na ausência ou presença do acompanhante. Contudo, vale ressaltar os depoimentos abaixo:

*“[...] acho que com a presença do acompanhante a gente se torna [...] a gente se polícia mais, sabe? [...] Eu acho que isso muda um pouco.” (Prazer)*

*“[...] em algumas situações, existem colegas (enfermeiros) que, às vezes, se excedem um pouco no momento de estresse e eu acho que com o acompanhante eles são mais cautelosos.” (Esperança)*

Com base nos depoimentos coletados, a maioria dos profissionais negou o fato da presença do acompanhante promover alterações na assistência profissional. Contudo, uma análise mais profunda dos depoimentos descritos acima permite evidenciar que estas mudanças existem. Isso pode estar relacionado ao fato dos profissionais optarem por resguardar a sua imagem ou mesmo não perceberem esse tipo de atuação em sua conduta.

Diante desta realidade, é necessário que os profissionais prestem uma assistência pautada por aspectos éticos, na qual a técnica e o suporte sejam disponibilizados de forma acolhedora com ênfase na valorização da mulher enquanto sujeito de uma relação entre o profissional e a paciente<sup>20</sup>.

### Fortalecendo vínculos

A depoente abaixo, ao experienciar a presença do acompanhante no parto, ressaltou o fortalecimento do vínculo entre a família. A sensação de vivenciar este momento foi tão especial que acabou contagiando aqueles que se encontravam no âmbito da sala de parturição.

*“[...] Ah, foi lindo (risos). [...] o pai chorou, a médica pediu para o pai clampear o cordão, ele cortou, então assim... todo mundo chorou na sala. Assim, é tão bom, [...] aquele vínculo mãe-bebê, o pai tá vendo todo o sofrimento da mãe [...] e depois vem o seu bebê, às vezes é o primeiro filho [...] eu adorei.” (Satisfação)*

O trecho demonstra uma experiência bem sucedida relacionada à presença do acompanhante no contexto do nascimento. Houve uma participação ativa do pai, evidenciada pelo fato deste ser convidado a participar do momento através do corte e clampamento do cordão umbilical de seu filho. Essa experiência contribuiu para o fortalecimento do vínculo entre a tríade mãe-

pai-filho e possibilitou aos profissionais compartilhar da alegria e emoção que imergiam a nova família.

A participação do pai no processo de nascimento tem se tornado cada vez mais frequente. Um ensaio clínico randomizado sobre o apoio a mulher por um acompanhante de sua escolha relatou que dos 105 provedores de suporte, 47,6% eram o parceiro da mulher ou pai da criança, seguida pela mãe da parturiente (29,5%) ou outra parente e 22,8% tratava-se de um amigo<sup>21</sup>.

Tal participação contribui para que as mulheres tenham mais controle no trabalho de parto, condição que influencia no bem-estar materno<sup>22</sup>. Além disso, a participação dos pais pode viabilizar a formação de sólidos vínculos entre o grupo familiar e até mesmo com os profissionais, os quais atuam como mediadores desse processo ao demonstrar que a participação do pai ocasiona benefícios para a família<sup>23</sup>.

Esta participação, em longo prazo, associa-se a antecipação do estabelecimento de vínculo entre pai e filho, dado que, de forma geral, este vínculo tende a se processar de modo tardio<sup>24</sup>.

Desta forma, apreende-se que o enfermeiro, enquanto integrante do processo de nascimento, não está alheio aos sentimentos e emoções vivenciadas durante o nascimento. Observa-se que, ao comungar destes sentimentos contagiantes, o mesmo reconhece a importância do estabelecimento de um contato precoce entre a tríade mãe-pai-filho, na perspectiva de favorecer a consolidação do vínculo familiar que ora se estabelece.

### *Tranquilizando a equipe*

A presença do acompanhante também foi ressaltada como forma de promover tranquilidade à equipe, considerando a quantidade reduzida de profissionais de enfermagem para prestar assistência às parturientes:

*"[...] principalmente as primigestas, porque têm medo do desconhecido, que tá vindo pela primeira vez, essas pessoas têm muita necessidade de [...] ter alguém que esteja do lado dela e, às vezes, a enfermagem, por ser um corpo clínico limitado, limitado no sentido de quantidade, não tem condições de ficar uma atendente ou técnico de enfermagem ou até mesmo um enfermeiro pra cada paciente."*  
**(Afeto)**

*"[...] quando tem acompanhante a gente (a equipe) fica mais tranquilo. Porque se acontecer alguma coisa [...] às vezes tem poucas profissionais [...]"*  
**(Amor)**

Sobre isto, uma pesquisa acerca da assistência ao parto com a presença de acompanhantes demonstrou que "a atenção constante dos acompanhantes e a vigilância mantida quanto aos diversos âmbitos do trabalho de parto e parto [...] proporcionaram vantagens e permitiram um cuidado mais abrangente". Esta atuação tornou possível a detecção precoce de intercorrências e o suporte às necessidades das parturientes com riqueza de detalhes, condição que trouxe segurança para ela e para os profissionais<sup>13:77</sup>.

Além disso, em virtude dos profissionais estarem ocupados com aspectos clínicos e administrativos, acaba por faltar tempo ou mesmo habilidade para fornecer um apoio individualizado à mulher durante o parto<sup>25</sup>.

Neste contexto, cabe destacar que a presença do acompanhante não tornaria desnecessária a assistência da equipe de enfermagem, assim sendo, um não substituiria a função do outro, mas elas se complementariam.

Sabe-se que, no cenário atual dos serviços de saúde, o déficit de profissionais é uma realidade e no âmbito da enfermagem não poderia ser diferente. Além de lidar com rotinas exaustivas de trabalho, estes profissionais também têm que se desdobrar para tentar prestar uma assistência de qualidade a uma elevada quantidade de pacientes que superlotam diariamente os serviços de saúde. Assim, o acompanhante, surge como mais um integrante na luta por uma melhor assistência à parturiente, com foco em suas reais necessidades.

### **Conclusão**

A enfermagem, enquanto profissão que possui o cuidar como ferramenta fundamental para o desenvolvimento de suas atividades, convida a todos que dela fazem parte a se colocar no lugar do outro, a tentar entendê-lo, ainda que não sejam entendidos. Esta premissa torna, talvez, mais inquietante o fato de presenciar o descaso, a violência institucional, a exclusão do apoio familiar e, conseqüentemente, a transformação de um momento que deveria trazer satisfação à mulher, em algo amedrontador.

Assim, ao reconhecer que a presença do acompanhante pode gerar benefícios, não apenas à parturiente, mas também a equipe de saúde, estes profissionais abrem espaço para discutir meios de reinserir o acompanhante no processo de nascimento.

Ademais, considerando a importância da produção científica para consolidar as bases teóricas e práticas relacionadas à temática, e o déficit de estudos relacionados à percepção dos profissionais sobre o acompanhante, é primordial que novas discussões sejam desenvolvidas, contemplando mecanismos de inseri-lo e superar os desafios encontrados à sua participação durante o período parturitivo da mulher.

### **Referências**

1. Hodnett ED, Osborn RJE. Effects of continuous intrapartum professional support on childbirth outcomes. *Rev Nurs Health*. 1989; 12:289-97.
2. Diniz CSG. O que nós como profissionais de saúde podemos fazer para promover os direitos humanos das mulheres na gravidez e no parto. 2.ed. São Paulo: Fundação Ford/CREMESP; 2003.
3. Organização Mundial de Saúde (OMS). Maternidade Segura: assistência ao parto normal: um guia prático. Genebra: OMS; 1996.
4. Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Área Técnica da Saúde da Mulher. Pré-natal e puerpério: atenção qualificada e humanizada: manual técnico. Brasília (DF); 2006.

5. Brasil. Lei nº 11.108 de 7 de abril de 2005. Altera a Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990, para garantir às parturientes o direito à presença de acompanhante durante o trabalho de parto, parto e pós-parto imediato, no âmbito do Sistema Único de Saúde – SUS. [acesso 4 mar 2011]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2004-2006/2005/Lei/L11108.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11108.htm)
6. Rio de Janeiro (Município). Resolução SMS Nº 667 de 20 de outubro de 1998. Garante a presença de acompanhante da escolha da parturiente durante o trabalho de parto e o parto. [acesso 4 mar 2011]. Disponível em: <http://www.amigasdoparto.com.br/acompanharj.html>
7. São Paulo (Estado). Lei 10.241, de 17 de março de 1999. Dispõe sobre os direitos dos usuários dos serviços e das ações de saúde no Estado e dá outras providências. [acesso 4 mar 2011]. Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/168477/lei-10241-99-sao-paulo-sp>
8. Distrito Federal. Lei nº 3.090, de 09 de dezembro de 2002. Institui no Distrito Federal a modalidade de "Parto Solidário", com o objetivo de assegurar melhor assistência às parturientes, e concede gratuidade no Sistema de Transporte Público Coletivo, no Sistema de Transporte Alternativo e na Companhia do Metropolitano do Distrito Federal para as gestantes a partir do sétimo mês de gravidez. [acesso 4 mar 2011]. Disponível em: [http://www.mpdft.gov.br/sicorde/Leg\\_DF3090\\_2002.htm](http://www.mpdft.gov.br/sicorde/Leg_DF3090_2002.htm)
9. Santa Catarina (Estado). Lei nº 13.061, de 08 de julho de 2004. Dispõe sobre a presença de acompanhante no pré-natal e processo de nascimento na rede pública, credenciada e/ou conveniada, do Sistema Único de Saúde–SUS – no Estado de Santa Catarina e adota outras providências [acesso 4 mar 2011]. Disponível em: [http://www.mp.sc.gov.br/legisla/est\\_leidec/lei\\_estadual/2004/le13061.htm](http://www.mp.sc.gov.br/legisla/est_leidec/lei_estadual/2004/le13061.htm)
10. Ministério da Saúde (BR). Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde da Mulher e da Criança – PNDS 2006: relatório Final. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Ciência e Tecnologia. Brasília (DF); 2008.
11. Bardin L. Análise de conteúdo. 3. ed. Lisboa: Edições 70; 2004.
12. Longo CSM, Andraus LMS, Barbosa MA. Participação do acompanhante na humanização do parto e sua relação com a equipe de saúde. *Rev Eletrônica Enferm.* 2010;12(2):386-91.
13. Komura Hoga LA, Souza Pinto CM. Assistência ao parto com a presença do acompanhante: experiências de profissionais. *Invest Educ Enferm.* 2007;25(1):74-81.
14. Dias MAB, Domingues RMSM. Desafios na implantação de uma política de humanização da assistência hospitalar ao parto. *Ciênc Saúde Coletiva.* 2005;10(3):669-705.
15. Oliveira ASS, Rodrigues DP, Guedes MVC, Felipe GF, Galiza FT, Monteiro LC. O acompanhante no momento do trabalho de parto e parto: percepção de puérperas. *Cogitare Enferm.* 2011;16(2):247-53.
16. Santos DS, Nunes IM. Doulas na assistência ao parto: concepção de profissionais de enfermagem. *Esc Anna Nery Rev Enferm.* 2009;13(3):582-8.
17. Hotimsky SN, Rattner D, Venancio SI, Bógus CM, Miranda MM. O parto como eu vejo... ou como eu o desejo? Expectativas de gestantes, usuárias do SUS, acerca do parto e da assistência obstétrica. *Cad Saúde Pública.* 2002;18(5):1303-11.
18. Wolff LR, Waldow VR. Violência consentida: mulheres em trabalho de parto e parto. *Saúde Soc.* 2008;17(3):138-51.
19. Aguiar JM. Violência institucional em maternidades públicas: hostilidade ao invés de acolhimento como uma questão de gênero [tese de doutorado]. São Paulo: Departamento de Medicina Preventiva, Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo; 2010.
20. Aguiar JM, d'Oliveira AFPL. Violência institucional em maternidades públicas sob a ótica das usuárias. *Interface Comun Saúde Educ.* 2011;15(36):70-91.
21. Bruggemann OM, Parpinelli MA, Osis MJD, Cecatti JG, Carvalho Neto AS. Support to woman by a companion of her choice during childbirth: a randomized controlled trial. *Reprod Health.* 2007;4(5):1-7.
22. Sapkota S, Kobayashi T, Kakehashi M, Baral G, Yoshida I. In the Nepalese context, can a husband's attendance during childbirth help his wife feel more in control of labour? *BMC Pregnancy Childbirth.* 2012;12(49):2-10.
23. Rocha AET. Humanização no parto: o homem nordestino no nascimento do filho em um hospital público de Fortaleza-Ceará [dissertação de mestrado]. Fortaleza: Departamento de Saúde Coletiva, Centro de Ciências da Saúde da Universidade de Fortaleza; 2010.
24. Domingues RMSM. Acompanhantes familiares na assistência ao parto normal: a experiência da Maternidade Leila Diniz [dissertação de mestrado]. Rio de Janeiro: Departamento de Endemias, Ambiente e Sociedade, Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz; 2002.
25. Mathai M. To ensure maternal mortality is reduced, quality of care needs to be monitored and improved alongside increasing skilled delivery coverage rates. *BJOG.* 2011;118(Suppl.2):12-4.

#### Endereço para correspondência:

Isaiane da Silva Carvalho  
Rua Carlos Alexandre, 215 – Frei Damião  
Nova Cruz-RN, CEP 59215-000  
Brasil

E-mail: [isaianekarvalho@hotmail.com](mailto:isaianekarvalho@hotmail.com)

Recebido em 12 de dezembro de 2012  
Aceito em 6 de fevereiro de 2013